

A pontifícia universidade de Alagoas

ELIANE CANTANHÊDE

— Quem diria? A pontifícia universidade política de Alagoas dando aula para o Brasil inteiro! — comemorava Cleto Falcão, deputado estadual do PRN.

— Pontifícia, não. Pontifícia... Mas é mesmo impressionante. Meia dúzia de João-Ninguém fazendo esse estrago todo — acompanhou Fernando Collor de Mello, o candidato favorito nas pesquisas.

— Meia dúzia? Só se for meia dúzia de três ou quatro — concluiu Renan Calheiros, líder do partido na Câmara dos Deputados.

Eram três horas da madrugada. A atriz Cláudia Raia havia chegado 15 minutos antes ao restaurante do Hotel Caesar Park, bem em frente à Praia de Ipanema, no Rio de Janeiro. Movidinha a uísque, vinho, fartos pratos de camarão e muita alegria, a “meia dúzia de três ou

**“Eu falei que votava em você e ninguém veio”:
da atriz Cláudia
Raia para Collor**

quatro joões-ninguém da pontifícia universidade política de Alagoas” comemorava o fim do debate mais importante da televisão brasileira. E já se preparando para assumir o governo federal a partir de 15 de março de 1990. Quem sabe, até antes.

O quarto João-Ninguém, jornalista Cláudio Humberto Rosa e Silva, era enfático ao dizer que Collor dera “um banho” no seu adversário do PT, Luiz Inácio Lula da Silva. A opinião geral ali, contudo, era de que Collor tinha se saído razoavelmente bem. Por isso mesmo era o vitorioso: com 10% a 15% de vantagem nas pesquisas, tudo o que ele precisava era não errar muito. Brilhar já seria lucro.

“O Rio vai ser o único Estado onde vamos perder”, analisava o candidato do PRN ao lado da mulher Rosane e Cláudia Raia, os amigos Cláudio Humberto e Cleto Falcão e as mulheres, o irmão Pedro e a cunhada. Poucos metros adiante, sempre discretíssimo, o irmão Leopoldo conversava no bar com a eco-

nomista Zélia Cardoso de Mello. Zélia havia sido a única assessora a desfrutar da privilegiada e única vaga no estúdio do debate entre Collor e Lula.

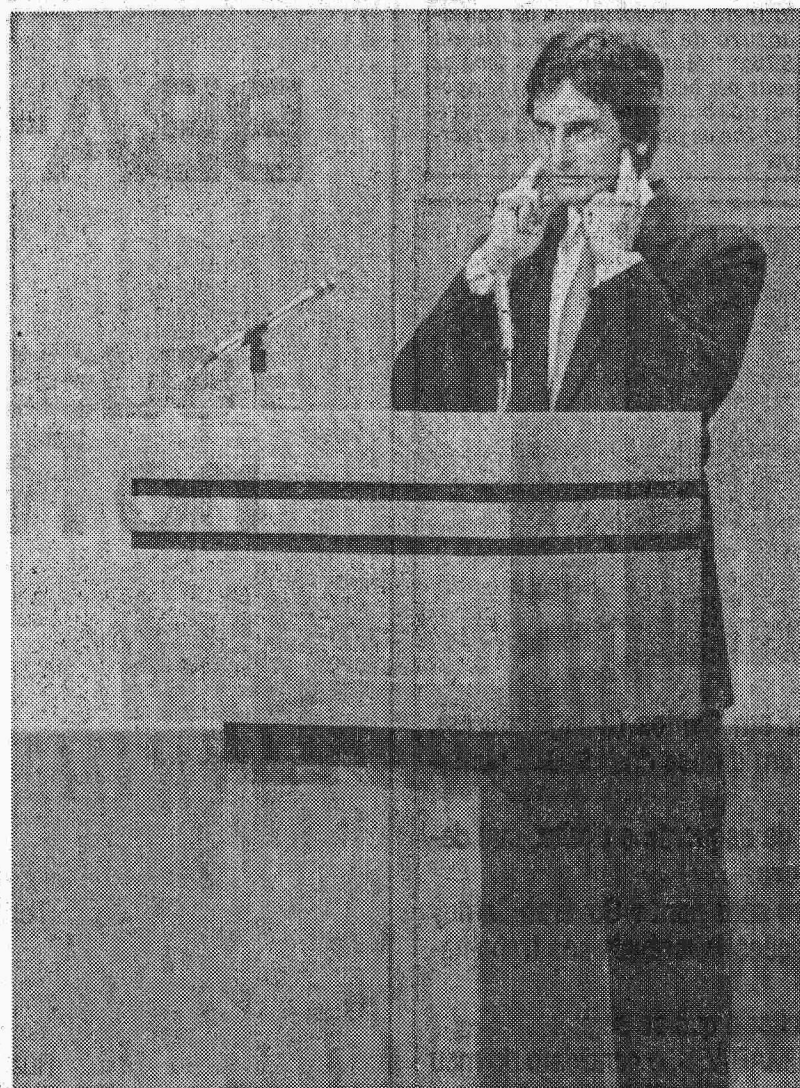
Certamente, foi a última vez. No jantar, Cleto comentou que Zélia esbanjava conhecimento sobre economia, mas não tinha tempero político. “Falta malícia”, concordou Renan Calheiros, que no debate ocupava o telefone direto entre a sala dos dez assessores de Collor, no 6º andar, e o estúdio, no 3º. A cada intervalo, Renan corria ao estúdio para dar algumas dicas de última hora ao candidato do PRN.

Encontrava Collor de pé, empertigado, e Lula sentado numa cadeira atrás da tribuna. “O Lula suava muito. O pessoal da maquiagem estava sempre enxugando o rosto dele a cada intervalo”, ironizou Renan, agora um forte candidato a substituir Zélia no estúdio, no próximo debate. “Será que vai mesmo haver outro debate?” — indagava Cleto Falcão, aliviado ao fim de um dia de tensão entre as estrelas da “pontifícia universidade política de Alagoas”.

Ao contrário, Cláudia Raia chegou atrasada mas com toda a corda. Cochichou muito com Rosane Collor, acariciou fraternalmente as mãos do próprio Collor e contou algumas histórias bem recebidas na roda. A primeira delas foi sua participação, na tarde anterior, no programa *Domingão do Faustão*, da Rede Globo: “Eu falei que votava em você e ninguém veio”, relatou.

A atriz também abriu um segredo. No dia 10 de novembro, ela se encontrou com o então candidato do PDT, Leonel Brizola, e um amigo dele, banqueiro, no aeroporto do Galeão. “Esse banqueiro me disse que o Fernando tinha um ponto preto na testa”, disse Cláudia, criando o suspense. “E isso é sinal de que pode sofrer um atentado”, concluiu. Fez-se um rápido silêncio. Renan, politicamente, interveio: “Um banqueiro vidente. Um banqueiro, evidente”. Todos riram. E esqueceram a história. Collor apenas lamentou: “Tem muito maluco por aí”.

A deixa foi bem aproveitada.



Rede Manchete

Collor: dor de dente antes do debate

da. Todos se lembraram de um certo “De Quide” (ou “The Kid”, abasileirado) do interior de São Paulo, que deu a Collor um livro de sua autoria e premiou a campanha com boas piadas que rolaram a noite inteira. “Ele é autor do óbvio”, resumiu Cleto Falcão, citando algumas frases do livro que foram fartamente repetidas depois: “Só morre quem perde a vida”, “Quem deita dorme, quem acorda levanta”, “Só anda quem dá o primeiro passo”. Foi nesse livro, aliás, que a jornalista Belisa Ribeiro se inspirou para amenizar o papel de orientação que preparou para Collor no debate.

Collor estava cansado. Ao se instalar no hotel, cerca de 10 horas antes, às 18h30, ele desembarcou de um radiotáxi com o

gesto menos apropriado: um largo e não dissimulado bocejo. É que, na manhã do debate, ele tivera dor de dente. Acordou bem cedo, procurou um dentista, saiu de casa às 8 horas, absolutamente sozinho. Dirigiu seu próprio carro ao longo dos 20 km que separam sua casa no Lago Norte e o Conjunto Nacional — o shopping center mais central de Brasília. E se divertiu: “Liguei o rádio e fiquei rindo do insólito”, contou depois.

Collor voltou às 9h30 para casa, recebeu assessores e amigos. Quando embarcou para o Rio, no jatinho Challenger da campanha, pediu um sanduíche e uma coca-cola. Quando a aeromoça chegou, era tarde. Ele já estava dormindo. Só comeu o lanche quando o avião começava a pousar na pista do Aeropor-

to Santos Dumont, no Rio, de onde saiu pelo terminal de carga, para evitar manifestantes pró-Lula e suas bandeiras vermelhas.

Já no hotel, descobriu que esquecera todos os documentos e textos de orientação para o debate no avião. O assessor de imprensa no Rio, Continentino Porto, correu ao aeroporto e recuperou o material. Depois, Collor insistiu em ler as revistas *Veja* e *Isto É* e só havia exem-

“Lula suava muito. Deu trabalho para o pessoal da maquiagem”: fofoca de Renan Calheiros

plares no jatinho do irmão Leopoldo. Continentino novamente voltou ao aeroporto.

Collor tomou banho e se aprontou. Não pediu nada para comer. Sua mulher Rosane só fez questão de um gel para cabelos, rapidamente retirado do almoxarifado pelo gerente Antônio Trota. Ao saírem juntos para a TV Manchete, contudo, quem usava o gel não era Rosane, mas o marido Fernando. Evitava, assim, que o cabelo lhe caísse sobre os olhos na hora do debate.

Ele e a mulher seguiram num Opala, acompanhado por outros oito opalas e a operação precursora da polícia: dois camurões e duas motos. Um dos camurões — placa 520094 — por pouco não causa um acidente grave: em alta velocidade, ia batendo na traseira do Opala que transportava Cláudio Humberto e Cleto Falcão. O motorista freou, cantando pneus, e só foi parar três carros à frente do de Cláudio Humberto, do qual se desviara à última hora.

Quando chegou ao Rio, Collor advertiu o jornalista Sebastião Nery: “Nós vamos sair às 8h15. Não bobeia, senão dança”. Nery boboeu e dançou. Acabou metido num táxi comum, correndo feito louco pela orla marítima e ultrapassando sem cerimônia três sinais vermelhos. “Corre, moço, senão fico de fora”, pedia ao motorista do táxi. Por sorte, e pericia do motorista, Nery foi um dos dez assessores que ficaram ligados em Col-

lor, três andares acima do estúdio, na TV Manchete.

No final do debate, depois de cumprimentos, Belisa Ribeiro estava atravessando o terceiro andar, onde fica a piscina, acompanhada de Cláudio Humberto e Zélia. Foi flagrada cantando: “Olê, olê, olá, Lula, Lula”, no mesmo ritmo dos militantes petistas que disputavam espaço e garganta, no pátio da emissora, com a torcida colorista. Rapidamente, ela parou.

Não houve tumultos. Não houve o quebra-quebra que a segurança da própria TV Manchete tanto temia. Collor saiu em disparada, lavou o rosto na sua suíte presidencial — NCz 1,1 mil a diária — e foi para o restaurante descontraído. Parecia aliviado e tranquilo. Mais comentava as pesquisas do que o debate. Ao que Nery completou: “Ainda bem que o Fantástico, da Globo, deu o último Ibope em cima”, dizia ele. “O Collor já passou dos 50% em todas as pesquisas e isso foi bom para o ânimo dele no debate.”

“Liguei o rádio e fiquei rindo do insólito”: Collor conta seu passeio solitário

Belisa saiu razoavelmente cedo com o ator Marcos Paulo, lá pelas 3h30 da madrugada. Antes, ela comentou que “tremeira” quando Collor admitiu, no penúltimo bloco, que se Lula ganhasse ele o apoiaria. “O Fernando não podia admitir a derrota em minuto algum”, criticou.

De todos os cumprimentos de despedidas, no final da festa, às 4h30, o mais fraternal, mais íntimo, mais intimista, foi o de Leopoldo Collor. Ele estendeu o braço acima da cabeça de Cleto Falcão, sacudiu repetidamente a mão de Fernando Collor no cumprimento e disse duas vezes: “Parabéns. Parabéns para todos nós”. Ficou a sensação de que Leopoldo, o irmão mais velho, é também reitor da “pontifícia universidade política de Alagoas”. Apesar de tão carioca quanto o próprio candidato do PRN.